

(cap. II). Nos três capítulos seguintes, o autor procura revisitar três grandes teologias da Providência, para delas recolher contributos para uma visão enriquecida da mesma: a de Agostinho, tal como este a expõe nas suas *Confissões*; a de Tomás de Aquino na *Summa contra Gentiles* e a de J. Henry Newman nos seus *Sermões paroquiais*.

No cap. VI, E. Durand enfrenta o grande obstáculo a uma teologia da providência, mormente enquanto providência sobre as pessoas e as coisas singulares. Tal é a realidade e o mistério do mal. O seu objectivo não é responder ao problema, mas delimitá-lo, em ordem a uma abertura à escuta da Revelação no que ao mesmo se refere.

É então o momento de entrar na leitura do que a Bíblia diz sobre o assunto. Durand tenta então uma teologia da acção de Deus, começando por uma releitura sapiencial do Êxodo. Segue-se o evangelho de Lucas, com as suas exigências aos discípulos para a entrada no Reino e a sua orientação para a confiança no seio providencial de Deus. Analisa os caminhos segundo os quais Deus interpela, conduz e solicita os discípulos de Cristo. Finalmente, ensaia uma reinterpretação pascal da Providência divina, servindo-se da narrativa joanina da Paixão, procurando evidenciar como Deus se acomoda admiravelmente às contingências e desfigurações cumulando-as paradoxalmente de uma graça em forma de salvação.

Um último capítulo serve ao autor para ensaiar o seu modo de ver a Providência, não teoricamente como atitude e acção sobre um mundo tal como este deveria ser, mas concretamente sobre um mundo tal como efectivamente é, transtornado pelo mal.

Emmanuel Durand é dominicano, professor no Instituto Católico de Paris.

LUÍS SALGADO

RODRÍGUEZ PANIZO, Pedro, **La herida esencial. Consideraciones de Teología Fundamental para una mistagogía**, San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2013, 318 p., 215 x 145, ISBN 978-84-285-4340-8.

Este livro pode inscrever-se simultaneamente nos âmbitos da Teologia Fundamental e da Teologia Espiritual. E poderia mesmo ser tido em conta pela Teologia Pastoral. De facto, o autor é professor de Teologia Fundamental na Universidade Pontifícia Comillas de Madrid, onde ensina também Teologia das Artes de Ficção. Mas a sua preocupação é, neste caso, mais que simplesmente teórica, de carácter prático.

A «ferida essencial» referida no título evoca aquela ideia, que vem especialmente de Santo Agostinho, de que há em cada ser humano uma brecha que, em modo de Desejo, o abre para o Infinito, tornando-o um ser *capax Dei*. Uma tal abertura convida ao mergulho no Mistério. E tal é a função daquilo que vem sendo classificado com o nome de mistagogia.

O livro de Rodríguez Panizo tem ele mesmo a intenção de, tendo em conta aquele convite, ser um auxiliar para quantos se proponham seguir esse caminho mistagógico, um caminho que, como sugere o autor no seu Prólogo, é «cheio de descobertas, de alegrias indizíveis e de dores que fazem crescer e ser muito mais livres». Assim, o primeiro capítulo – «Da situação espiritual contemporânea» – evoca, na base essencial das análises de Michel Henry e de Mário Vargas Llosa, as condições do tempo presente, em que temos de viver a nossa fé. Os três seguintes versam, respectivamente, «Da essência da experiência religiosa», «Do Deus mistério» e dos «Convites à experiência mística em alguns teólogos contemporâneos», sublinhando neste último a

redescoberta da mística e os caso de Ortega y Gasset e da teologia de K. Rahner. Os restantes capítulos ensaiam outros tantos itinerários mistagógicos: via da beleza, via da contemplação da natureza, via da poesia (como «sarça ardente»), via da valentia, via do tempo livre bem discernido, via do testemunho ou da condição simbólica da testemunha.

Vinte páginas finais apresentam uma razoavelmente extensa bibliografia relacionada com a temática versada no livro.

LUÍS SALGADO

GARCÍA AÍZ, Jesús Ginés, El conflicto eclesiológico tridentino. *Ius divinum* vs. *ordinatio divina*. La dialéctica entre un concepto teológico y una definición dogmática, de los grados del ministerio eclesiástico, que oscila entre una determinada precisión y una prudente ambigüedad, «Biblioteca Teológica Granadina», Facultad de Teología, Granada, 2012, 438 p., 240 x 170, ISBN 978-84-85653-64-5.

O presente estudo constituiu dissertação de doutoramento do autor. Teve como princípio inspirador o cap. III da constituição *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II, sobre a constituição hierárquica da Igreja. O autor teve em mira estudar o processo que levou, historicamente, à produção deste texto. Deteve-se particularmente no Concílio de Trento, especialmente na sessão XXIII sobre o sacramento da ordem, onde aparece a fórmula *ordinatio divina* aplicada aos graus da hierarquia eclesiástica.

O seu trabalho desenvolve-se em modo de um estudo comparativo das determinações de Trento e do Vaticano II, procurando fazer a história das graus hierárquicos, tendo presente, antes de

mais, o contexto do século XVI com a reforma protestante, sobretudo centrada em Lutero e Melanchthon. Tem em mira, muito particularmente, elaborar uma aproximação histórico-teológica à fórmula do cânone sexto sobre o sacramento da ordem *hierarchiam divina ordinatione institutam* do concílio de Trento. Este Concílio não fala em termos de *ius divinum* mas de *ordinatio divina*, que o autor entende como «disposição» ou «providência» divina. Será a *ordinatio divina* equivalente a *ius divinum*? ou poderá debater-se a gradação eclesiástica como algo a poder recair sob a categoria de *ius humanum*? Este ponto dos trabalhos tridentinos foi campo de grande críspação, ficando-se os padres de Trento pela fórmula *ordinatio divina*, com a sua inerente carga de ambigüidade. O estudo hermenêutico – ou melhor: histórico-teológico-hermenêutico – de quanto anda à volta dessa fórmula tornou-se assim o intento fundamental do estudo de Garcia Aíz.

Três grandes partes estruturam então o estudo por ele levado a cabo. Na primeira, estuda a gênese, o desenvolvimento e o fundamento eclesiológico do ministério eclesiástico. Na segunda, procede a uma radiografia historiográfica e histórico-teológica em torno à eclesiologia do ministério no Concílio de Trento. A terceira parte é dedicada, precisamente, à ambivalência dos dois conceitos aplicados ao ministério eclesiástico. Acrescem dois apêndices: o primeiro, a propósito da posição de Hans Küng sobre a distinção dogmática entre episcopado e presbiterado; o segundo, procurando uma aproximação compreensiva da apostolicidade da Igreja no ministério eclesiástico. Com uma extensa bibliografia (pp. 387-417) e um índice onomástico.

JORGE COUTINHO